

A sereia branquinha e a bruxa da diretora: um estudo das brincadeiras de faz de conta

Everton Arruda Irias

A experiência foi desenvolvida no ano de 2015, na EPG Celso Furtado, pertencente ao município de Guarulhos. As aulas aqui descritas ocorreram com as turmas de 1º e 2º anos da unidade escolar. Vale salientar que as tematizações não ocorreram de maneira homogênea em todas as turmas envolvidas no trabalho, já que eram muitas as crianças, cada uma com significações e representações distintas com relação ao que vinha sendo discutido e vivenciado. O trabalho procurou seguir os pressupostos teóricos do currículo cultural, considerando os alicerces e a alvenaria que permitem produzir uma escrita apoiada nessa proposta.

Era a primeira vez que ministrava aulas nessas turmas. Nos anos anteriores, os alunos não tiveram contato direto com a Educação Física ou, quando aconteceu, isso se deu mediante uma proposta, segundo as falas das crianças, divergente da nossa. Iniciamos os trabalhos com uma série de diálogos que buscavam mapear as manifestações corporais das crianças dentro e fora do ambiente escolar, as práticas corporais presentes no entorno e as significações dos alunos acerca de algumas dessas manifestações. Nesse momento foi possível destacar as brincadeiras em que as crianças simulavam papéis e ações da vida cotidiana.

Decidimos nomear essas manifestações como “brincadeiras de faz de conta”, pois nelas as crianças faziam de conta que eram determinado personagem ou realizavam determinada ação. Diante de algumas representações e significações dos alunos acerca do tema, entendemos que este poderia relacionar-se com o Plano de Ação da escola, que se voltava para a Educação para os Direitos Humanos. Vale salientar que, na época, receberemos na escola a visita de uma escritora de livros infantis que abordava

a temática Direitos Humanos. Ela foi enfática ao dizer que promover essa discussão seria o mesmo que dialogar sobre os diferentes marcadores sociais presentes nas relações diversas, e como as injustiças e as desigualdades são produzidas com base no gênero, etnia, religião etc., as brincadeiras de faz de conta poderiam suscitar conteúdos e problematizações que abordassem as questões mencionadas pela autora.

Iniciamos o estudo produzindo uma lista, numa cartolina, das brincadeiras de faz de conta vivenciadas e conhecidas pelos alunos. Durante essa produção, aproveitamos para conversar sobre os materiais que as crianças utilizavam para realizar as brincadeiras fora da escola e as possibilidades de empregar os recursos disponíveis na unidade. Pedacos de madeira, panos, caixa de papelão e outros objetos foram mencionados pelos alunos para que as brincadeiras pudessem acontecer. Além disso, alguns sugeriram a confecção de materiais com papel e papelão, como a coroa da princesa, as “arminhas” para brincar de polícia e ladrão. E, nessa mesma conversa, alguns alunos afirmaram ter em casa brinquedos e fantasias que não utilizavam mais e que poderiam ser trazidos. Diante de tantas informações, decidimos primeiramente elaborar e encaminhar aos responsáveis pelos alunos das turmas envolvidas um bilhete solicitando a doação de brinquedos e fantasias obsoletas. Em seguida, buscamos na escola e em outros locais os objetos citados pelos alunos para a realização das brincadeiras. E, por fim, foram destinadas duas aulas para que as crianças produzissem, com papelão, cartolinas, barbante, fita adesiva e canetinhas, alguns objetos de que necessitavam para vivenciar as brincadeiras. Com relação às doações, chegaram até a escola uma fantasia de sereia, um vestido comumente utilizado nas festas juninas, uma máscara do Homem-Aranha, além de brinquedos diversos.

Foi aí que retomamos nossos registros e, considerando o projeto pedagógico da instituição, traçamos as seguintes expectativas de aprendizagem para o decorrer do trabalho: explicar e demonstrar corporalmente e oralmente as brincadeiras vivenciadas em contexto familiar e comunitário; e promover, mediante a vivência, modificações na estrutura das brincadeiras, considerando a demanda e características do grupo, do espaço e dos materiais.

EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL

Para iniciar a vivência das brincadeiras listadas, dialogamos com a turma sobre como elas poderiam acontecer. Coletivamente, decidimos que as crianças se dividiriam em grupos, ou ficariam sozinhas se quisessem, e escolheriam as brincadeiras, entre as que foram mencionadas durante o mapeamento, que gostariam de vivenciar. Caso duas crianças ou dois grupos quisessem os mesmos materiais, deveriam fazer o rodízio entre eles após determinado tempo. Decidido isso, durante algumas aulas as crianças vivenciaram as brincadeiras listadas.



Construindo os brinquedos.

EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL



Brincando de aventureiros.



Brincando de cabeleireira.



Brincando de fazer comidinha.



Brincando de *cowboy*.



Brincando de ninja.



Brincando de escolinha.



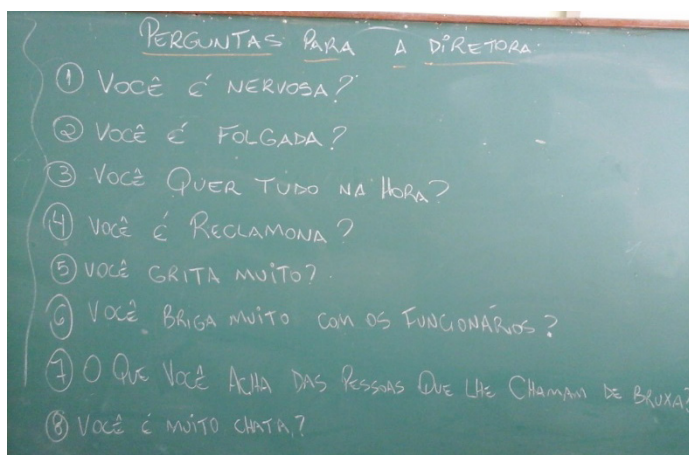
Brincando de polícia e ladrão.

Vários conflitos surgiram no decorrer das vivências: grupos que invadiam os espaços em que outras crianças estavam brincando; crianças que queriam realizar determinadas ações ou representar determinados personagens e, devido à organização do grupo, não conseguiam; brincadeiras vivenciadas apenas por meninos e outras apenas por meninas; uma das turmas que, praticamente, não utilizava os objetos produzidos com papelão e cartolina. Muitos desses conflitos foram discutidos abertamente, a fim de encontrar soluções. Outros deixaram de ser abordados, como a não utilização dos objetos confeccionados pelos próprios alunos. Como forma de registro, fotografamos vários momentos do trabalho.

Após as vivências, com suas devidas discussões, as imagens foram projetadas aos alunos para que pudessem comentar as cenas e expor as diferentes formas de ocorrência social de cada uma das brincadeiras vivenciadas, bem como propor novas ações e funções dentro das brincadeiras. Nessa exposição, as crianças destacaram os personagens representados em cada brincadeira e suas respectivas funções. Numa das turmas, enquanto conversávamos sobre os personagens da brincadeira de escolinha, uma das alunas gritou: “Tem a bruxa, professor”. “A bruxa?” – respondi eu. “Sim, a diretora.” Indaguei as crianças se todas concordavam que a diretora era uma bruxa, e muitas concordaram. Quando questionadas sobre o motivo dessa representação, responderam que a diretora sempre

é muito brava e grita com as crianças. A explicação de uma das crianças revelou a correspondência entre a diretora e a personagem da novela Carrossel. Demos continuidade à conversa nas aulas posteriores, e várias vezes as crianças apontaram as características que estavam “coladas” à imagem da diretora. Dessas características emanavam apenas remissões a braveza, endurecimento e rigidez. É fato que nem todas as crianças concordavam com isso, e também colocavam suas opiniões dizendo que em suas escolas anteriores as diretoras não eram bravas nem maldosas. Neste ponto do estudo, uma nova expectativa de aprendizagem foi elaborada: identificar a forma como os sujeitos de algumas brincadeiras são representados e significados, discutindo sobre as relações envolvidas na produção dessas representações e significações.

Resolvemos, então, numa aula posterior, convidar a diretora da nossa escola para um bate-papo. Preparamos antecipadamente algumas perguntas que gostaríamos de fazer a ela. Sugeridas pelos alunos, as indagações versavam sobre as características que permeavam a identidade da diretora: “Você é muito brava?”; “Você grita com os funcionários?”; “Você é chata?”; entre outras. Na data combinada, a diretora veio até a sala e respondeu a todas as perguntas feitas pelos alunos. Em muitas das respostas, sua fala não correspondia à imagem inicial que as crianças tinham dela. Elas se sentiram muito confortáveis em poder conversar com a diretora da escola.



Perguntas para a diretora.



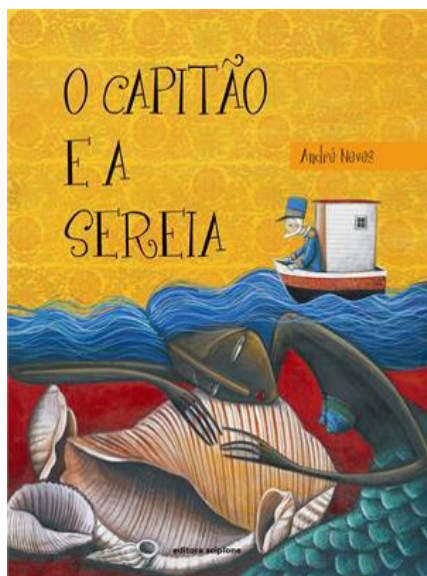
Conversa com a diretora.

Após todos os diálogos acerca das fotos, as crianças voltaram a vivenciar as brincadeiras de faz de conta, buscando incorporar alguns dos personagens ou funções apontados nas conversas em sala. Durante as vivências, buscávamos conversar com cada grupo de alunos para que os mesmos expusessem o que estavam fazendo, quais as funções de cada personagem etc. Numa das turmas de 2º ano nos aproximamos de um grupo de meninas que vivenciavam a brincadeira de sereia, de posse da fantasia doada para as atividades. Uma delas veio até nós afirmando que gostaria de ficar com a fantasia. Conversamos com o grupo e, coletivamente, concluímos que a garota poderia ficar com a fantasia. Após pouquíssimo tempo, voltamos nosso olhar para o grupo e percebemos que aquela garota já tirava a fantasia e a passava para sua colega. Aproximamo-nos novamente e indagamos por que ela já estava retirando a fantasia de sereia. Ela respondeu que estava dando a fantasia para sua colega porque ela se parecia mais com uma sereia, que é “mais magrinha e branquinha”.

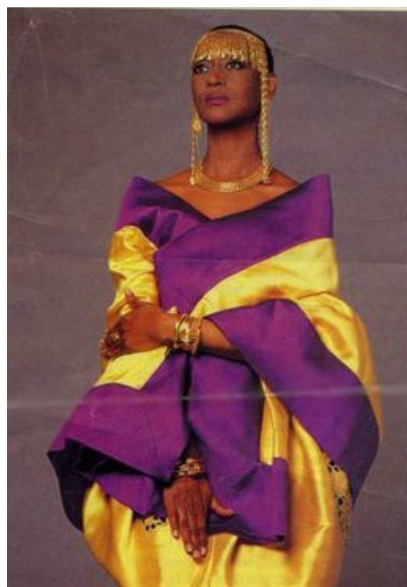


Brincando de sereia.

Na aula seguinte levamos tal consideração para uma conversa com todo o grupo e notamos que vários outros alunos da sala tinham a mesma ideia da princesa, ou seja, “uma personagem branca e magra”. Começamos a pensar em maneiras de conversar sobre o tema e em instrumentos e materiais que pudessem ser utilizados. Por recomendação de uma professora da escola, recorremos a um livro infantil de título *O capitão e a sereia*, cujas ilustrações representam a sereia de uma maneira diferente daquela exposta pelas crianças: era negra e não era magra. Além disso, buscamos imagens que representassem as personagens da sereia e da princesa de diferentes maneiras. Numa das aulas fizemos a leitura do livro e focamos a discussão nas imagens da sereia. Muitas crianças deram risada e consideraram aquela sereia feia. Discutimos então quais motivos as levaram a pensar que ela era “feia” ou “engraçada”. Percebemos, mediante o diálogo e a leitura de outras imagens, que os diferentes textos e discursos apresentados às crianças durante toda a vida delas não representavam a sereia, nem mesmo a princesa, da forma como aquele livro fazia. Aliás, muito pelo contrário. Além disso, tentamos mostrar que a representação da sereia e da princesa não é a mesma em todos os lugares e em todas as culturas, e que aquilo que é considerado “feio” ou “engraçado” em determinada cultura pode não ser em outra. Para tanto, recorremos a outros materiais e fizemos a leitura de imagens de princesas africanas.



Livro *O capitão e a sereia*.



Princesa africana.

Após essas atividades e conversas que eclodiram, numa das aulas posteriores foi proposto às crianças que fizessem o desenho, numa folha de sulfite, de uma sereia. Entregues os desenhos, as crianças foram convi-

dadas a comentar seus trabalhos. Algumas desenharam a sereia branca e magra; outras desenharam a sereia negra; outros desenharam a sereia com um corpo que não era magro. Vale ressaltar aqui que todas essas ações pedagógicas eram intercaladas com aulas em que as crianças continuavam vivenciando e modificando as brincadeiras de faz de conta.

Com algumas turmas, o trabalho foi finalizado após a produção do desenho. Em outras, foram sugeridas formas alternativas de finalização do trabalho. Como as brincadeiras simulavam situações da vida cotidiana ou histórias infantis, alguns alunos sugeriram que se pensasse em outro final para aquelas situações ou histórias infantis, e que elas fossem vivenciadas no formato de brincadeiras. E assim foi realizado. Na brincadeira de polícia e ladrão, por exemplo, os ladrões tinham que morrer no final.

Todo o processo foi registrado por meio de fotos, que foram utilizadas na aula, como dito anteriormente, e também por escrito. Tais registros permitiram a avaliação constante do trabalho e sua construção e reconstrução no decorrer das aulas. A retomada desse material permitiu-nos inferir que o projeto propiciou às crianças o alcance das expectativas de aprendizagem planejadas; no entanto, percebemos algumas falhas e faltas, principalmente no que diz respeito a não problematização de alguns posicionamentos das crianças durante as brincadeiras.